

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 15.)

419.º Lancem-se finalmente estas 38 onças de terra, n'um vaso de vidro cheio de agua, e remexam-se até ficarem bem suspensas no liquido — deixem-se depois em quietação por algum tempo até que vejamos a arêa depositada no fundo do vaso; decante-se então o liquido para outro vaso, para nelle se depositar ainda algum resto de arêa; e peze-se esta finalmente: a differença entre o pezo actual e o antecedente exprime a quantidade de argila, que a terra continha, a qual suspensa no liquido foi separada da arêa por meio das decantações. Suppondo que as 38 onças obtidas na antecedente operação se achavam agora reduzidas a 18, ficará evidente que esta era a quantidade da arêa, e 20 onças a quantidade da argila: resultando por tanto de todas estas operações que as 60 onças de terra continham 20 onças de argila

18 de silica  
16 de carbonato de cal  
6 de humus.

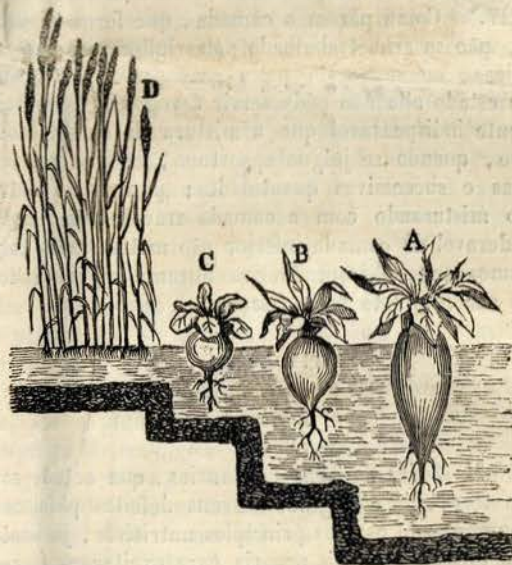
420.º Este processo com quanto nos não indique as pequenissimas quantidades de outras substancias, que accidentalmente entram na composição das terras, como são certos oxidos metalicos, a potassa, a soda, &c., é todavia sufficiente para que o cultivador conheça a natureza e composição do seu solo que não são sensivelmente alteradas por estas mesmas substancias.

421.º Terminaremos este capitulo apresentando algumas noções sobre o *subsolo*, visto que a sua diversa natureza pôde influir consideravelmente sobre as qualidades do solo.

#### *Subsolo.*

422.º Damos o nome de *subsolo* àquella camada de terra de cascalho ou de rocha, que sustenta o solo, ou que lhe serve de assento, e que apresenta propriedades que podem modificar as da camada aravel.

423.º O estudo do subsolo pôde auxiliar muito o agricultor na maneira de dirigir os seus trabalhos agricolas. Em primeiro logar deve examinar a que distancia elle se encontra da superficie superior da camada aravel, para deste modo avaliar a verdadeira espessura ou fundo desta mesma camada; por quanto segundo a sua maior ou menor espessura assim deverá adoptar antes umas do que outras culturas, por isso que as plantas não profundão todas igualmente no solo, e effectivamente a *betarraba campestre* (A) carece de um solo que tenha pelo menos 15 a 18 pollegadas de espessura; a *betarraba da Silesia* (B) bastão-lhe de 12 a 14, o *nabo* (C) contenta-se com um pouco menos; e os *cereaes* (D) com 5 a 6 pollegadas; como tudo se vê na estampa que apresentamos.



424.º Depois disto deve tambem examinar se o subsolo é impermeavel ás raízes, porque neste caso inda precisa ser mais cauteloso em não submeter o solo senão á cultura d'aquellas plantas que possuão encontrar nelle a profundidade necessaria para o seu desenvolvimento.

425.º Quando o subsolo é inteiramente impermeavel ás agoas da chuva então a camada aravel,

principalmente se não fôr de uma grande espessura, é summamente prejudicada por este vicio, porque formando-se debaixo della uma especie de pantano subterraneo, as raizes mergulhando constantemente nelle macerão-se e destroem-se. Neste caso ou por meio de vallas e escoantes mais ou menos profundos, ou por meio de furos de sonda, deve exonerar-se o subsolo das agoas mortas que o encharcão.

426.º Finalmente convem que estude com a maior attenção a natureza do subsolo, para saber se a sua mistura com a camada superior pôde melhorar ou deteriorar o terreno. Quando o subsolo contem substancias que podem corrigir o solo então possui o agricultor logo por baixo da terra lavradia uma rica mina, que sendo discretamente explorada pôde proporcionar-lhe as maiores vantagens. Supponhamos que o subsolo é argiloso e o solo calcareo, neste caso é evidente que a mistura do primeiro com o segundo deve ser grandemente vantajosa; e do mesmo modo se o subsolo fôr, por exemplo, marnoso e o solo silicioso, &c. Mas se pelo contrario o subsolo fôr argiloso ou calcareo, e o solo da mesma natureza, então a mistura torna-se prejudicialissima; e se no primeiro caso convem ir gradualmente misturando por meio de lavras mais profundas uma com outra camada, no segundo é preciso que a charrua respeite a camada inferior, para que pela sua mistura com a superior não venha augmentar-lhe os defeitos.

427.º Como porém a camada, que forma o subsolo, não se acha trabalhada pelas influencias atmosfericas, ou repassada pelos gazes aereos, e como neste estado ella não pôde servir á vegetação, é inteiramente indispensavel que a mistura do subsolo com o solo, quando se julgue opportuna, se faça em pequenas e successivas quantidades; porque de outro modo misturando com a camada aravel uma porção consideravel da camada inferior não meteorisada, tornaríamos aquella improductiva durante alguns annos até á sua completa meteorisação.

### CAPITULO III.

#### Adubos.

428.º Todas aquellas substancias, que actuão sobre a terra, já corrigindo os seus defeitos phisicos, já augmentando os seus principios nutritivos, já finalmente tornando-a mais propria para excitar as forças organicas das plantas tem o nome de *adubos*.

429.º Os adubos podem ser tirados do reino mineral, vegetal, e animal — e podem obrar mechanicamente tem o nome de *correctivos*; os que obrão physiologicamente tem o nome de *estimulantes*; e os que obrão chimicamente tem o nome de *estrumes*.

430.º Importa porém desde já advertir, que a acção dos estrumes não é exclusivamente chimica,

mas tambem physiologica e mechanica. E na verdade elles não subministrão sómente á terra os principaes elementos nutritivos das plantas; mas tornão-a tambem mais excitante, ou mais apropriada a estimular o organismo vegetal, e corrigem-a finalmente melhorando as suas condições phisicas. Ora o mesmo se pôde dizer de muitos estimulantes e correctivos, nos quaes vemos reunidos estes tres modos especiaes de obrar; donde se deve inferir que a linha divisoria, que ultimamente se quizera traçar entre estas tres castas de adubos, não é tão saliente que possa servir a extremal-os uns dos outros. — Podemos todavia asseverar que a acção dos correctivos é principalmente mechanica, a dos estimulantes physiologica, e a dos estrumes chimica, como depressa veremos.

#### Correctivos.

431. Os *correctivos* são aquellas substancias que melhorão mechanicamente os terrenos, communicando-lhes as propriedades phisicas de que carecem para funcionarem convenientemente.

432.º Tratando do solo observámos que as suas propriedades phisicas, isto é, a divisibilidade e a permeabilidade, a consistencia e a plasticidade, a leveza e a porosidade dependião das diversas terras elementares, que entrão na sua composição; e que conforme a maior ou menor proporção em que cada uma destas terras nelle se encontram, assim aquellas propriedades se apresentam em maior ou menor gráu. Observámos tambem que se superabundava a silica o solo se mostrava excessivamente divisivel e permeavel; se a argila consistente e plastico; se o calcareo leve e poroso. Por tanto, quando no solo escassearem ou faltarem absolutamente algumas destas propriedades poderemos fazel-as apparecer ou augmentar, adicionando-lhe as terras, que lhas communicão. Assim se o solo apresentar uma excessiva divisibilidade e permeabilidade por conter silica em excesso corrigil-o-hemos juntando-lhe argila, para assim o tornarmos mais consistente e plastico; se pelo contrario superabundarem estas ultimas propriedades será adicionando calcareo e silica que as faremos desaparecer.

433.º Vê-se por tanto, que as terras elementares que entrão na composição do solo podem corrigir-se umas pelas outras. Ora em muitos casos é bastante facil e pouco dispendiosa esta correcção, e então deve sempre tentar-se, porque os terrenos ganhão com ella um acrescimo consideravel de fecundidade: como se tem praticamente experimentado nos Estados-Unidos, na Inglaterra, na Belgica, e em algumas provincias da França, e da Alemanha — n'outros casos porém é muito difficil e dispendiosa aquella correcção, e então não val a pena de tentar-se.

434.º A primeira cousa que o agricultor deve procurar conhecer quando tratar de corrigir qualquer terreno é a sua composição elementar, e para isso po-

derá socorrer-se ao processo, que atraz lhe apresentamos. E depois de haver encontrado por meio deste processo a exacta relação em que as terras elementares entrão na formação do solo, deve bem examinar as suas propriedades phisicas, por serem uma verdadeira contraprova da exactidão daquella analyse. E se achar que estes dois exames coincidem um com o outro não pôde restar-lhe a menor duvida sobre a natureza do solo. E' então, e só então que se deve julgar habilitado para o corrigir ou para nelle introduzir aquelles melhoramentos phisicos que julgar necessarios.

435.º Depois de estudado e conhecido o solo carece ainda de estudar a natureza, a composição, e as propriedades da substancia, que se propõe empregar: e seria mesmo summamente conveniente ensaia-la practicamente para não deixar em duvida as vantagens da sua applicação, empregando-a previamente em pequenas porções de terreno, para lhe não acontecer algum desses funestos enganos, que por mais de uma vez teem escarmentado alguns cultivadores, ou menos entendidos, ou menos prudentes.

436.º As substancias mais geralmente usadas como correctivos são a *cal*, a *marga* ou *marne*, a *caliça* resultante da demolição dos edificios, e as *conchas fósseis*.

437.º *Cal*. Esta substancia é util em todos os solos argilo-siliciosos, e silico-argilosos, que não contem uma sufficiente dose de combinações calcareas, nos terrenos arenosos, graniticos, e humidos, naquelles onde crescem naturalmente os fétos, os juncos, e as estevas, com tanto que não sejam alagadiços, e finalmente em quasi todas as terras fracas de centeio.

438.º São dois os processos mais geralmente usados para espalhar este correctivo sobre o solo. O primeiro consiste em collocar a eguaes distancias pequenos montes de cal sobre o solo, e em espalhar-os com egualdade logo que se achão esbroados e pulverisados pela acção do ar. O segundo differe do primeiro em se cobrirem os montes com uma camada de terra equivalente a cinco ou seis vezes o volume da cal, misturando-se tudo muito bem no fim de quinze dias, e espalhando a mistura por egual á superficie do solo.

439.º As doses em que convem empregar a cal devem ser mais fracas nos terrenos ligeiros e arenosos, e mais fortes nos argilosos. A experiencia tem demonstrado que a dose mais geralmente conveniente é a de 14 alqueires de cal em cada geira por cada anno que a correcção deva durar. Assim, por exemplo, se corrigirmos de tres em tres annos, como se faz em varias provincias da França, devemos empregar 42 alqueires por geira; e 140 se corrigirmos, como se faz em alguns pontos do norte, de dez em dez annos.

440.º Para tirar o proveito possivel do emprego da cal é preciso que esta substancia não seja applicada aos terrenos demasiadamente humidos — que seja

espalhada na terra em tempo seco, enterrada sem ter recebido chuva, e por maneira que fique bem no meio da camada aravel.

441.º O emprego menos discreto deste correctivo pôde dar lugar á depauperação e esgotamento do solo. Para significar este inconveniente costumava dizer-se em França que, *a cal não enriquecia senão os velhos; ou que enriquecia os paes, e arruinava os filhos*; mas experiencias incontestaveis demonstrão, que quando a correcção se faz convenientemente, e quando as culturas se succedem systematicamente não se deve temer aquelle esgotamento.

442.º E na verdade os terrenos corrigidos pela cal ficão por muito tempo fecundos, são muito mais sadios, menos humidos, e muito mais productivos. Na Inglaterra, na Belgica, na Flandres, e em quasi toda a Alemanha tem-se notado, que o melhoramento communicado á terra por este meio quasi que duplica as colheitas de trigo, e tem chegado a triplicar as de centeio!

443.º No nosso paiz é porém quasi desconhecido este processo, e todavia os correctivos calcareos facéis e pouco dispendiosos em bastantes localidades são altamente reclamados por muitos dos nossos solos, arenentos e graniticos, e pelos silico-argilosos, que beneficiados deste modo duplicarião pelo menos nos seus productos; e ganharião grandemente em salubridade.

444.º *Marga* ou *marne*. Se a cal é proveitosa como correctivo a marga inda o é muito mais. Tambem desde tempo immemorial é conhecido o seu uso no melhoramento das terras. Serviram-se della os *gregos*, os *romanos*, os *gaulizes*; e hoje quasi todas as nações agricolas a empregão em maior ou menor escala.

445.º A marga é um composto de carbonato de cal e de argila siliciosa. Acha-se abundantemente espalhada em um grande numero de terras, e especialmente nas de alluvião, nas bacias e nas beiras dos rios junto ás camadas argilasas.

446.º A marga tem sido dividida em tres especies, em *argilosa*, *siliciosa*, e *calcarea*; segundo nella prepondera ou a argila, ou a silica, ou o carbonato de cal.

447.º A importancia deste correctivo deve obligar-nos a procural-o em toda a parte, onde o seu emprego fôr reclamado. Os terrenos onde cresce a *tussilagem*, a *salva*, o *trevo amarello*, e os *cardos* apresentam ordinariamente a marga a uma pequena profundidade. Ella fórma algumas vezes o assento sobre que repousa o solo. A riqueza que o agricultor então possui logo á flor do seu terreno é inapreciavel. Basta uma lavra um pouco mais profunda para a misturar com o solo, e imprimir-lhe uma admiravel fecundidade. E quantos lavradores regão com o seu suor quasi infructiferamente extensos terrenos, que para serem fecundos não carecião senão de lavouras um pouco mais fundas, que trouxessem a superficie do solo a marga que lhe serve de assento!

448.° A marga reconhece-se pelos seguintes caracteres. A sua côr é geralmente branca amarella ou verdeonga segundo a sua diversa composição elementar; desfaz-se e esboroa-se ao ar; apega-se fortemente á lingua; lançada no acido nítrico, muriático, ou no vinagre forte entra logo em efervescencia acompanhada de espumas; lançada n'agoa apresenta immediatamente uma ligeira ebullicão e fórma uma especie de magma solto no fundo do vaso.

449.° Estes caracteres modificão-se segundo a natureza particular da marga; assim a efervescencia é tanto maior quanto maior fór a quantidade de carbonato de cal, a unciosidade quanto maior fór a porção de argila, e as espumas quanto mais abundante fór a silica, e por conseguinte o ar contido entre as suas molleculas.

450.° Entre as tres especies de margas acima mencionadas deve o agricultor escolher aquella em que predominar a terra elementar, que faltar no seu terreno, se o quizer corrigir proveitosamente, e communicar-lhe aquellas relações fundamentaes productoras da fertilidade, que caracterisam o solo normal. Assim o marne argiloso convem aos terrenos siliciosos; o silicioso aos argilosos, e o calcareo a uns e a outros.

451.° A marga deve espalhar-se em pequenos montes sobre os terrenos desembaraçados de agoas, e em tempo seco, e depois de estorroadada pela acção dos agentes atmosphericos deve enterrar-se por meio de uma lavra pouco profunda. Em algumas localidades mistura-se a marga com terriço, e emprega-se passado algum tempo com grande vantagem; por isso que começa desde logo a beneficiar o solo, o que não acontece empregando-se a marga pura, cuja acção fertilizadora é muito mais lenta.

452.° A quantidade de marga a empregar é por tal modo variavel, que a melhor regra que o agricultor pôde seguir é a de conformar-se com os usos e praticas adoptadas no seu paiz. Mas como no nosso raras vezes se tem empregado este correctivo, sempre apresentaremos algumas indicações que possam guial-o. Em primeiro logar a quantidade de marne a empregar é subordinada á quantidade das terras elementares nelle contidas, e á maior ou menor carencia dessas mesmas terras no solo. Por exemplo, o marne pôde ter de 10 até 90 por 100 de carbonato de cal, e o terreno pôde precisar maior ou menor quantidade desta substancia, e então é claro que a dóse do correctivo deve ser regulada por estas duas circumstancias. Mas na generalidade dos casos poucas vezes deixará de convir o uso adoptado na Normandia que consiste em lançar em cada geira vinte carradas; ou o seguido em muitas outras partes da França e da Italia, que se reduz a espalhar-o no terreno de modo que venha a formar uma camada superficial de 4 linhas de espessura.

453.° Os effeitos da marga sobre o solo, principalmente se ella é calcarea são muito semelhantes aos

da cal. O solo margado fica mais enxuto, mais estorroadico, mais poroso, mais accessivel a uma boa e facil cultura, mais salubre, e muito mais productivo. Sobre este ponto seria incrível o que se diz e escreve senão tivesse sido observado. Ha muitos departamentos em França cujos solos tem triplicado de valor depois que foram margados; o mesmo acontece na Alemanha, na Italia e em outros paizes.

454.° A calça resultante da demolição dos edificios tem uma grande influencia sobre a vegetação, porque além do carbonato de cal que principalmente a fórma contem saes deliquescentes de base calcarea, nitratos e muriatos de cal de potassa e soda que actívam consideravelmente a vegetação, não só melhorando as condições phisicas do solo, mas estimulando as raizes absorventes das plantas, e mesmo ministrando-lhes alguns principios nutritivos; de modo que este correctivo não só obra mechanica, mas tambem physiologica e chimicamente.

455.° Todavia como esta substancia sómente se encontra em poucas localidades, não pôde o seu uso deixar de ser muito circunscripto tornando-se por esta razão um correctivo muito menos importante que os precedentes.

456.° *As conchas fósseis* são tambem consideradas como correctivos, posto que o seu modo de obrar esteja muito longe de ser puramente mechanico: são de uma grande utilidade, reunindo na sua acção as vantagens da cal e da marga; e communicando aos terrenos uma productividade muito duradoura; mas o seu emprego tambem não pôde deixar de ser limitado pelas mesmas razões que limitam o do anterior correctivo.

#### *Estimulantes.*

457.° Os *estimulantes* são aquellas substancias que communicam ao solo certas qualidades excitadoras das forças vivas, e que provocam e desafiam a acção destas mesmas forças quando se põem em contacto com os tecidos vegetaes. Estas substancias não podem porém deixar de se considerar como correctivos, porque melhoram, como elles, as condições phisicas do solo; e como tambem subministram varios principios nutritivos ás plantas tem por isso alguns pontos de contacto com os estrumes. Considera-mo-las porém como estimulantes porque a sua influencia mais pronunciada é physiologica, e reduz-se a excitar as acções organicas por meio das quaes se manifesta a vida dos vegetaes.

458.° Sem entrar na questão ainda muito obscura e debatida do modo de obrar destas substancias, limitar-nos-hemos aqui a uma succinta exposição do seu emprego na agricultura. — O *gesso*, o *sal*, e as *cinzas* são os correctivos estimulantes mais geralmente usados.

*José Maria Grande.*

*(Continua.)*

Houve uma epoca, e não vae ella longe, em que as lãs deste districto, ou ficavam por vender, e se estragavam, ou quando se vendiam, nunca o seu valor excedia ao de 800 réis cada arroba; este mal era devido á pessima qualidade das lãs, ainda mais que á falta de fabricas que as consumissem — nunca os creadores se quizeram dar ao trabalho de apurar os seus gados, trazendo os paes de fóra, como em outros pontos se fazia, porque isso demandava grandes despesas, e o preço porque as lãs se vendiam não cobria a despeza que elles faziam: assim caminhou isto muitos annos, até que ha 6 ou 8, se desenganaaram e principiam a apurar as raças, e com quanto hoje se não julguem perfeitas, tem melhorado ao ponto que estão sendo muito procuradas, para diversos pontos do paiz, e até para Inglaterra, e valendo o duplo e o tripulo, que antes valiam, isto é, 1:600 réis até 2:400 réis cada uma arroba.

Muito concorre a qualidade das pastagens, para a melhor ou peor qualidade das lãs, e tanto isto é assim que os gados que tem peiores pastagens, a lã que elles criam é não só mais grossa, mas mais pezada, assim mesmo é esta a que regularmente se vende entre 1:400 a 1:600 a arroba, e que comprehendem os concelhos de Alpedrinha e Fundão: neste ultimo pelo nenhum apuro em que tem os carneiros paes — e pela mistura dos gados pretos com o branco; seguindo-se daqui que além de muito ordinaria é parda e não branca como o devia ser se houvesse cuidado, pois que alli as pastagens são boas, e bem melhores que as do concelho de Alpedrinha, geralmente fallando: — ao par desta qualidade reputo eu estarem as lãs de Penamacor, (o concelho antigo) — Salvaterra do Extremo, as primeiras porque lhe assiste o mesmo mal que ás do Fundão — pouco ou nenhum cuidado — e as de Salvaterra, pela aridez dos campos que são escassos d'agoas e ferteis em pedras.

A duas boas leguas de Salvaterra está situada a Zibreira, e se houvesse alli mais cuidado em escolher os paes, e em não misturar os gados pretos com os brancos, estaria a lã alli creada a par da da Idanha a Nova, que vale sempre 200 réis mais que qualquer das precedentes, bem como o estariam as de Segura e Rosmanihal, Medelim, Monsanto e Oledo, Louza e Escálos de cima.

Tambem a lã da Idanha a Nova, superior a todas as de que tenbo fallado, está muito apurada, com especialidade as dos gados dos Srs. Trigueiros — Roba-

lo — Cordeiro, sentindo não poder dizer outro tanto a respeito dos mais creadores, cuja lã pelo pouco apuro em que está, é amarellada, e cheia de fios pretos, com quanto haja no meio desta má qualidade vellos bons, brancos, e finos.

Superior a todas, mesmo á da Idanha, está a de Castello Branco, o que é devido ao apuro em que estão os gados, pois que os pastos serão eguaes, ou talvez peiores que os da Idanha, por consequencia reputam-a por 200 a 400 réis mais em arroba.

O mesmo mal, isto é, a falta de apuro na escolha de carneiros paes, faz com que não esteja a par da de Castello Branco a lã creada em Tinalhas, e Cafede, e mesmo em Alcains, porque a esta falta só se póde attribuir a grande differença que ha entre a superior qualidade da do Sr. Barão d'Oleiros, á pessima de outras que pastam nos mesmos campos.

De tudo o que levo expellido quero tirar a conclusão de que quanto mais apuro houver nos carneiros para paes melhor será a lã, e que deve andar separado o gado branco do preto; fazendo-se isto, a lã não só será melhor, mas até será mais procurada, e por conseguinte mais bem reputada ha-de ser. Nestes termos atrevo-me a apontar o remedio que se deve seguir para chegar ao resultado desejado, em o qual tem uma parte o meu amigo o Sr. Augusto Lafaurie, fabricante em Alemquer, um dos consumidores.

1.º Em quanto á lã de Castello Branco — separar perfeitamente o gado preto do branco, e repetir as escolhas dos paes em cada anno, como até aqui tem feito.

2.º Em quanto á lã da Idanha a Nova: tem muita lã de fios pretos — separados os gados preto e branco — devem deitar fóra quanto antes todas as ovelhas que tem parcelas de lã preta. Escolher para paes não os carneiros maiores, mas sim aquelles que tenham a lã mais branca, e mais egualmente fina por todo o corpo, ainda que sejam mais pequenos.

3.º Em quanto á lã dos mais sitios, devem fazer outro tanto, e irem comprar carneiros para paes á Idanha, ou a Castello Branco, escolhendo os que tiverem a lã mais clara, e mais egual.

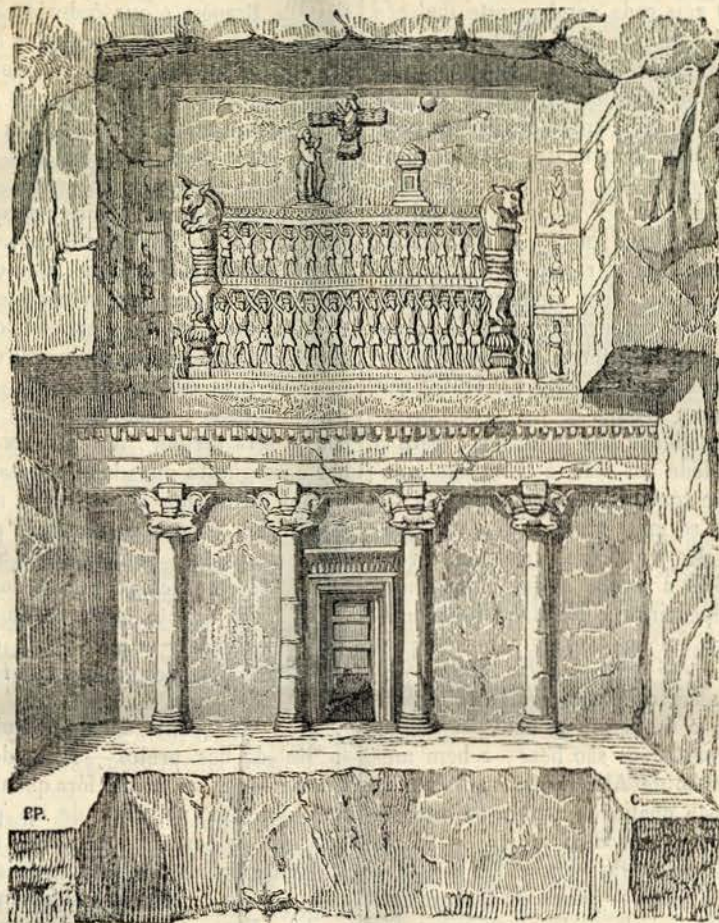
4.º Finalmente, excluir completamente ovelhas, ou carneiros para paes, pretos, ou que não sejam bem brancos, dos rebanhos do gado branco — e vice versa os dos gados pretos.

Adoptados que sejam estes principios, um bom resultado coroará este trabalho — e a lã terá muito maior acceitação.

Castello Branco 16 de Setembro de 1848.

*José Antonio Morão, Junior.*

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



### A ARTE.

#### ASIA OCCIDENTAL.

Na Asia, berço da raça humana, estende-se um vasto deserto, que o viajante só atravessa tremendo; porque allí troam vozes tremendas que fallão do passado, surgem do pó tradições sobrenaturaes, porque o vento revolvendo a mortalha de arêa, que cobre a planicie põe por vezes a descuberto esqueletos de cidades, carcomidos e devastados, mas tão grandes como se mãos de gigantes os tivessem alevantado. Foi allí, nesses desertos da Asia occidental que Jehovah se revelou aos homens, e lhe disse a palayra eterna, que elles esqueceram depois: allí teve logar a primeira lucta do bem e do mal; Caim e Abel, a raça pura e a impura combateram e repelliram-se. Depois do di-

lúvio foi do cimo do Ararat, que os homens desceram de novo a povoar a terra: e as raças descendentes dos filhos de Noé caminharão dalli para pontos oppostos do globo.

Porém na planicie fertil, que fica entre o Eufrâtes e o Tigre, fechada entre um deserto e serras escavadas, as raças misturaram-se sem se confundir; uniram-se mas sem se associarem. A familia foi a base da sociedade; da familia nasceu a tribu, que continuou a governar-se patriarchalmente, mas que perdeu a tradição e a simplicidade moral.

As tribus ao encontrarem-se no deserto combateram, e desses combates nasceu a guerra, o despotismo, as conquistas, que foram a origem dos imperios primitivos.

A força foi a primeira lei, o primeiro governo foi uma tyrannia. Como porém as conquistas erão o re-

sultado da cubiça dos conquistadores, ellas erão ordinariamente exercidas pelos mais barbaros sobre os mais ricos.

Os vencedores não impunhão uma civilisação aos vencidos; pelo contrario adoptavam-lhes os costumes, imitavam-lhes os vicios, e até por vezes antepunhão os deuses, cujos templos tinham incendiado aos seus proprios. A corrupção, o abatimento moral seguia de perto os barbaros vencedores, e minava-lhes para logo as forças, que não tardavão em perder-se.

Outros habitantes dos desertos inundãem pouco depois o novo imperio, subjugam-no, repellem diante de si populações inteiras como se forão rebanhos, fazem escravos os que eram senhores, tornam em deserto o que antes erão cidades.

Estes factos explicam a historia da Asia. Os imperios formavam-se de um jacto, pelo poder da espada: as populações aglomeravam-se; o despotismo encadeava nações oppostas, que anceavam pelo momento de se separarem. Os imperios contavam milhões de homens, mas desunidos, antagonistas, sem força, sem unidade.

O primeiro destes imperios, de que a historia nos falla é o que Nemrod, *forte caçador*, fundou em roda de Babylonia. Este imperio estendia-se entre os dois rios Tigre e Eufrates, e possuia duas famosas cidades Ninive e Babylonia.

Babylonia, ao que contam as tradições, foi cercada por Semiramis de uma muralha tão larga que por ella podiam correr parallellos seis carros; esta rainha oriental alevantou jardins e terrassos sobre que cresciam bosques, murmuravam rios, e se reuniam todas as riquezas e todos os encantos do universo. Diques collossaes prendiam as aguas do Eufrates, uma estrada corria por baixo do rio, e uma ponte maravilhosa o atravessava de lado a lado. Dentro das portas de bronze desta cidade protentosa alevantava-se a piramide do deus Bello, que se dividia em oito andares coroados por um throno de ouro macisso.

Esta cidade, com ruas mais vastas do que as nossas praças de hoje, em que se erguiam construcções collossaes coroadas de palmeiras, esmaltadas de flores, que diques enormes defendiam das inundações; esta cidade, cuja cadaver ainda hoje occupa um espaço de dezoito legoas, era construida, não de pedra, não de marmore e bronze, mas de argila e betume: as columnas eram desconhecidas, porém a abobeda e os pilares parece que eram empregados para a construcção dos jardins pensis. Hoje não resta de Babylonia senão um montão de ruinas, habitadas pelo leão e o chacal, que arrastam pelas salas de Sardanápalo os cadaveres sanguentos das suas victimas. A profecia do propheta cumpriu-se, *Sed requiescent ibi bestiae, et replebuntur domus eorum draconibus: et habitabunt ibi struthiones, et pilosi saltabunt ibi.*

De Ninive nem as ruinas se conheciam antes de 1843: foi só nesta epoca que Botta descobriu, per-

didadas no deserto, as reliquias da velha cidade. Os inglezes tem arrancado a estas ruinas algumas das suas preciosidades historicas, para ornarem o museu britanico.

A' vista das esculturas importadas para Inglaterra, reconhece-se que a arte tinha atingido certo grão de desenvolvimento nos imperios Assirios. Nota-se com tudo grande desproporção nas differentes partes da mesma figura; o *amaneirado* grosseiro que se observa na representação dos cabellos e da barba, na juba dos leões, nos vestidos, nos objectos em geral que fluctuam e descaem caprichosamente, dá um estranho caracter a estas antiguidades. Nos relevos ninivitas ha mais vida e movimento, mais proporção e graça do que nos do Egypto: a religião não exerceu sobre elles a sua acção repressora; o artista foi livre, poude seguir os impetos da sua imaginação.

Entre outras, são dignas de notar-se alguns poucos relevos collossaes, em que se podem estudar scenas interessantes da vida daquelles tempos. Um delles é o episodio de uma batalha: um rei conduzido no carro de guerra por dois fogosos cavallos guiados por um cocheiro, vaee espalhando a morte no meio dos inimigos, que expiram e se torcem agonisantes debaixo das patas dos cavallos. Outro, é uma caçada de leões: um rei dentro de um carro arremessa uma sétta a um leão collossal que vaee a precipitar-se sobre elle apesar de ferido; outro leão, crivado de sétta agonisa por terra; esta agonia é representada com muita arte. Outro em fim representa a volta da caça; a preza vem já subjugada pelo homem, a fera treme da força que a venceu: neste relevo, é digno de observação o vestuario de alguns personagens, que é em muitos pontos similhante ao que ainda agora se usa na Persia.



A gravura que damos aqui é o desenho de um relevo, representando um rei, achado em Ninive: nella póde vêr-se o estillo da arte ninivita, as suas imperfeições, e o seu valor especial: a vida transluz neste contorno de um modo evidente, e os museulos acham-se indicados com bastante exactidão. Muitos destes relevos são atravessados ao meio do corpo por uma zona, gravada em caracteres *cuneiformes*; caracteres particulares aos Magos, e com que elles escreviam nos monumentos, do mesmo modo que os egypcios escreviam com os hieroglyphos.

Os estudos sobre este ponto da historia da arte estão por ora em começo: as minas de Ninive começam apenas a ser exploradas. — Quem sabe que segredos, do passado ellas nos revelarão ainda?

Ao occidente do imperio de Babylonia, estendiam-se outros paizes vastos, e ricos; a Siria, a Phenicia, e as nações da Asia-menor são notaveis entre todos os da antiguidade.

Os phenicios eram uma nação rica pelo commercio, activa, emprehendedora; onde as artes foram cultivadas com esmero. As bellezas de Tyro, admiradas pelos antigos, as grandezas do templo de Salomão construido por um architecto phenicio são a prova irrefragavel desta verdade.

O templo de Salomão foi edificado no cimo de um monte, cercado de muralhas, e cavado em vastas escadas. A um portico largo e magestoso que se abria ao povo, seguia-se outro menor, apenas separado daquelle por uma balaustrada, onde os sacerdotes offereciam os sacrificios. A um lado deste portico ficava o sanctuario precedido por duas columnas de bronze, fechado por uma porta cravejada de ouro, e alumiado perpetuamente por dez lampadas preciosas.

As maravilhas deste templo veneravel, são contadas no livro dos reis, com palavras que provam a admiração extrema que elle causava aos que o viam, pela magnificencia, riqueza, e sublime grandeza de sua fabrica.

As nações que viviam entre o Eufrátes e o Mediterraneo, cahiram no poder de Nabuchodonosor, rei de Babylonia; Tyro foi tomada no fim de um cerco de treze annos, Jerusalem foi destruida, a Asia-menor submetteu-se, e o proprio Egypto só escapou á tyrannia do conquistador porque o flagello da peste lhe guardou as fronteiras.

Este engrandecimento de Babylonia não durou muito. Nas montanhas além do Tigre, um povo robusto se ia desenvolvendo; as suas forças cresciam e engrossavam como as aguas da torrente, para depois se precipitarem na planicie. Os persas cahiram sobre o grande imperio, já corrompido, e devasso, carcomido pelos vicios, devastado pela miseria; e o imperio desapareceu, deixando apenas como monumento funebre as ruinas portentosas das suas cidades.

Cyro, o heroe fabuloso de Xenophonte, foi quem conduziu os persas ao combate e á conquista. A Lydia,

a Siria, as cidades gregas da Asia-menor, em fim o grande imperio assirio, submetteram-se ao seu poder. A Bactriana e a India tambem se curvaram diante do throno do *filho de duas raças inimigas*. Cambises, filho de Cyro, continuou a desenvolver o pensamento do conquistador; o poder dos persas estendeu-se sobre o Egypto, que devastaram e inundaram de sangue.

Dario, tempos depois, quiz levar as raizs do seu imperio além da Grecia; mas a robusta constituição das cidades livres, soube resistir ao poder do barba-ro tyranno da Asia. Em Marathona a mão potente do republicano Miltiades derrubou no pó o colosso da Persia. Em vão Xerxes emprehendeu vingar a memoria de seu pae da derrota de Marathona: as Termopylas e Sa'amina, Leonidas e Themistocles provaram-lhe que valiam mais uns poucos de homens livres do que milhões de escravos.

Deste ponto partiu a decadencia da Persia; o imperio começou a ser dilacerado pelas revoltas, pelas intrigas, e pela corrupção. Alexandre deu em fim o ultimo golpe ao colosso agonisante: ao clarão das chammas de Persépolis incendiada o poder da raça de Iran extinguiu-se de todo.

Os persas seguiam na sua religião a doutrina dos dois principios, do bem e do mal, da luz e das trevas, de Oromaze, e Abrimane, e adoravam o fogo como imagem da pureza. Zoroastro foi o reformador philosofo desta religião elevada, as suas reformas são de duas especies; religiosas e moraes. Estas ultimas são da mais alta importancia, porque santificam as gerarquias que foram a base da constituição politica do imperio persa, e recommendam como deveres importantes o casamento e a agricultura.

E' facil de notar, depois do que levamos dito, que nos imperios occidentaes d'Asia, as religiões não se alliaram nunca intimamente com a arte, como aconteceu na India e no Egypto. A arte vagou incerta e desajudada sobre as ondas tempestuosas dos povos que se combatiam; não tomou um character constante e definido porque a religião a não marcou com a sua phisionomia eterna. Nos palacios dos reis e nos seus sepulchros é só que a arte ensaiou o seu poder; porém como alli não havia um principio moral que a guiasse, a variedade e a fantasia inspiraram as suas produções.

Os persas não construíram templos: adoradores do fogo, apenas edificavam estreitas cupolas, onde guardavam este simbolo do bom principio. Como meio de avaliarmos o estado a que chegaram as artes neste povo temos as ruinas de Persépolis, que se alevantam no meio do deserto, junto ao Araxe. Persépolis era a capital e o templo, para assim dizer, do imperio persa: era alli que os reis recebiam a tunica de Cyro e a consagração; era alli que elles se davam á sepultura. A assembléa dos magos, e os thesouros só nesta cidade podiam conservar-se.

As ruinas do palacio de Persépolis ficam encostadas



a um monte; subindo em tres terrassos successivos a que conduzem escadas de marmore tão largas que, facilmente se pôde por ellas andar a cavallo. Nos dois primeiros terrassos pôdem ainda observar-se porticos grandiosos e columnas, de que algumas atingem a altura de sessenta pés: no terceiro encontram-se salas vastissimas e numerosos quartos construidos de marmore polido e unido sem cimento. Os ornatos da architectura persa, são baixos-relevos representando reis que recebem a mensagem e os tributos dos povos vencidos, animaes de uma fôrma singular e de grandeza desmesurada, grifões, licornes, &c., e capiteis compostos pelo grupamento de animaes fabulosos. Os mausoleus são em geral casinhas sobrepostas umas ás outras, ornadas exterior e interiormente de baixos-relevos symbolicos.

Considerando os cadaveres como uma substancia impura os dissipulos de Zoroastro davam-nos a devorar ás fêras e ás aves de rapina. Este costume ainda hoje se conserva entre os guebros seus descendentes. Na Persia, e na India, proximo ás cidades de Bombaim, e Surrate, onde elles habitam, ha edificios denominados *Dachmed* aonde conduzem os cadaveres. Estes edificios são torres redondas coroadas por um terrasso; é aqui que elles expõem os corpos, cubertos apenas de um panno velho, para serem devorados pelos corvos, e abutres.

Nos antigos tempos os cadaveres dos reis da Persia eram só guardados em mausoleos: mas estes quasi sempre se construiam na rocha viva, e a grande altura do solo, para que os vivos estivessem livres do seu contacto impuro. A entrada destes tumulos era estreita, e solidamente fechada por portas de pedra ou de duro metal.

Proximo de Tschilminar encontra-se um rochedo de marmore esbranquiçado, cortado a prumo, em que estão cavados os sepulchros que hoje teem a denominação de *Nakschi-Rustão*. Um destes, que vem representado na nossa estampa, tem a altura de 100 pés proximamente, e consta de tres andares. O primeiro andar é inteiramente lizo na face exterior, que parecia destinada a receber uma inscripção. O segundo, onde se abre a entrada do tumulo é ornado de quatro columnas, tendo na base *plintos* que vão além da entrada um pé e obra de seis polegadas; os capiteis são formados por duas cabeças de touro armadas como as dos unicornios, havendo no intervallo que vae de uma á outra cabeça tres pedras quadradas sobrepostas: a architrave que apoia sobre as columnas tem apenas uma linha de modilhões no bordo superior. A entrada do sepulchro fica entre as duas columnas centraes. Por baixo de uma architrave curva, ha um portal fingido, proporcionado ao resto do monumento, e dividido em quatro partes.

O andar superior, que fica por cima do tumulo, tem duas linhas de quatorze figuras, semelhantes a *carriatides*, colocadas uma sobre outra: as figuras estão

todas vestidas com uma tunica estreita e curta, preza por um cinto de que peude um punhal, teem a cabeça descuberta e ornada de cabellos dispostos como os de uma cabelleira; os braços alevantados sustentem duas bellas *cornijas* com *friza*. Duas pilastras extraordinarias, cuja base tem a apparencia de uma urna, de que a parte media é uma perna com garra de leão e a superior uma columna toda coroada por uma cabeça de touro, ornam os lados do monumento.

Por cima destas esculpturas ha, sobre um pedestal com tres degraus, um personagem cuberto de uma tunica larga que lhe desce até aos pés, apertando com a mão esquerda um arco enorme, e tendo o braço direito estendido. Diante desta figura eleva-se outro pedestal com tres degraus sustentando o altar do fogo sagrado: por cima e á direita vê-se um globo, que é geralmente considerado como o emblema do sol.

Entre o altar e a figura principal deste quadro, esvoaça no ar uma outra figura, em tudo parecida com a primeira, excepto em ter a fronte ornada por uma coroa redonda, e na mão, em vez do arco, segurar um anel: cinge-lhe o corpo uma grinalda apoiada sobre uma especie de azas, de que sahem as pontas de um cordão. Esta figura é o *feruher* do rei defunto: especie de genio, que vive intimamente unido com a alma de cada individuo até á morte, segundo a doutrina do Zendavesta.

Interiormente estes tumulos de Nakschi-Rustão não teem cousa alguma que mereça ser notada.

Junto destes monumentos encontram-se baixos-relevos enormes, cavados tambem na rocha, e que fazem lembrar os baixos-relevos minivitas de que fallamos acima.

O imperio Persa conservou-se, ainda que debilitado e consumido pelos vicios, até á conquista de Alexandre. Desta epoca data um periodo novo para a arte do occidente da Asia: o character e o genio grego tomam um dominio absoluto, e suffocam o espirito asiatico. As ruinas de Palmira, ruinas protentosas mas em que transluz o genio da Grecia e de Roma, são uma clara prova desta transformação.

J. de Andrade Corvo.

## A ESCOLA MODERNA LITTERARIA.

### VI.

O SR. GARRETT.

O drama é a vida revelada pela arte. Os seus limites acabam onde finda o mundo, cujo espectáculo descreve. Fôrma essencialmente popular o seu typo é o homem; o seu interesse o infinito moral das paixões; a sua inspiração a verdade e a natureza — donde antevê, em espirito o bello ideal. Por isso o drama « é tudo, diz tudo, e pôde tudo. »

As manifestações diversas da arte são suas tributárias. Encerra as bellezas de todas e resume, por tanto, as difficuldades, que as escudam dos desacatos do vulgo. O amor é o drama quasi sempre; porque o amor tambem quasi sempre é a vida. — Na aurora o coração começa pelo affecto, nos espinhos da estrada desfolha-se das illusões, que o enganavam, e quando as sombras do occaso e a penumbra do tumulto lhe escurecem mais de meia existencia é que se volta para outros idolos. A sciencia e a ambição, a gloria e o orgulho enredam então a variada teia da vida.

Quem pôde dizer — «o amor é só isto?» Quem ousou nunca exclamar: — «o coração do homem não tem mais segredos que revelar?» Tão pequeno, que se estrija na mão; tão fraco, que um sopro o emmudece, o coração não cabe no mundo, e suspira sempre pela liberdade do infinito, que tenta percorrer nas azas da phantazia e do desejo. Quem disser: — «conheço o homem!» afirmou que sabia contar as estrellas do céu e as aréas do mar.

O theatro de um poeta é o seu modo de observar e entender a vida. A sociedade no meio da qual respira; os costumes que reinam na sua epoca, e as crenças, que bebeu com o leite da infancia influem de certo no seu juizo, mas não o cegam, se Deus lhe fadou o genio e a poesia. O quadro terá uma ou outra sombra, mas o desenho, a expressão, e o colorido serão verdadeiros. O modo de vêr e analisar não é o mesmo para todos. Cada qual observa por seu aspecto; dá ao estudo a côr das proprias idéas; á existencia, que retrata, a explicação da philosophia, que adoptou. Eis o motivo, porque Goethe e Schiller, filhos da mesma patria, se acham tão longe um do outro, quanto dista do panteismo a religiosa contemplação de Deus, e do dogma da remissão humana.

Em todo o drama ha dois grande aspectos — o sentimento e os caracteres. Isto é, ha o drama intimo, que parte da saudade do puro ideal; escreve mais uma linha na mysteriosa pagina do coração humano; e procura incarnar na terra o typo, que sonhára um dia. E ha o drama geral, que lança no meio desta elegia o ruido do mundo, a blasphemia do vicio, a corrupção dos costumes sociaes, o bramir da paixão, e os obstaculos da ambição, do ciúme, e da cubiça. Cada uma destas opposições tem o seu logar na carreira da existencia, que se desata; — e a sua expressão propria na téla dramatica. Se o homem segue a esperança, e vence os instinctos, triumphou; se desfallece ao primeiro passo, se duvida de Deus e de si; se escuta e pára para colher o deleite sensual e trahir a pureza do amor, perde então a batalha, despeña-se, e torna-se demonio.

O principio do bem e o do mal, admittidos na crença christã, luctam sempre desde o berço até ao sepulchro. Um aspira o céu e tende a elle, como o anjo. O outro olha só para a terra, vae razo com ella, e de cada vez mette-se mais fundo no abysmo. O re-

morso avisa a consciencia; o sentimento desperta o coração; as paixões más suffocam ás vezes ambos e appossam-se de tudo. Esta reacção moral está entre os dois typos oppostos — o espirital, que se deriva do céu; e o phisico e sensual, que se fórma dos limos, dos vicios, e da satisfação do deleite. No meio delles, suspenso, radioso como luz, risinho como esperança consoladora, está o amor da mulher, o amor divino, e o amor paternal; — o primeiro que dá a poesia da vida; o segundo que põe o céu no fim deste deserto, onde são tão raras as flores; e o terceiro que liga o homem ao céu pela innocencia dos que são seu sangue, e o regenera na terra pela expiação do dever.

As paixões e os sentimentos são e fôram os mesmos sempre. A expressão, a fórma de os declarar é que varia segundo os caracteres, os tempos, e as edades. Ao fervor juvenil succede a calma dos annos mais serios; apoz o impeto da mocidade vem a reflexão mais serena. Um character nobre e sensível exaggera o sentimento; faz delle uma virtude heroica. Uma alma vil, devorada de instinctos brutaes, preverte-o, e ou especula com elle, ou o deflora. O mesmo affecto pôde perder e salvar o homem.

E' por isso que o crime nasce tantas vezes da mesma origem donde brota a virtude. O remedio, que mata uns cura outros. A muitos que nasceram para ser bons e nobres toma-os o mundo de repente, envenena-lhes o espirito, e converte-os em grandes criminosos. A vida vae por uma orla tão estreita, por um declive tão empinado, que um passo menos firme basta para a precipitar. O amor da gloria e da fé que deu Ceuta a D. João I, sacrificou um de seus filhos, e perdeu um rei e uma monarchia. Na vida as occasiões são tudo.

O ciúme que inspirou *Otello*, e o amor filial que deu *Hamlet* a Shakspeare, creou o Claudio Frollo, e a Lucrecia Borgia de Victor Hugo. Quem dirá que as duas paixões se parecem? Quem dirá que o sacerdote polluido, cujo travesseiro é a luxuria, tem similitude com o mouro arrebatado, que doura Veneza com as suas victorias, ensanguenta o leito nupcial, e mata o amor á voz de uma suspeita? Lastima-se o segundo, poder-se-ha perdoar ao primeiro?

Quando se fórma um theatro, nem a natureza, nem os tempos, nem a contradicção das paixões se podem desprezar. Os costumes e as crenças modificam por tal modo os caracteres e os sentimentos, que a virtude que gerou os solitarios da Thebaida é a mesma que seculos depois ha-de armar o braço fanatico dos Torquemadas. A expiação do sangue e a blasphemia do auto de fé em nome de uma religião de amor e de caridade, hão-de derivar-se da mesma exaltação e entusiasmo, que fazia triumphar os martyres no circo! são assim os homens e as cousas.

Nos dramas do Sr. Garrett observa-se que o poeta estudou a vida no grande livro do mundo, e soube distinguir entre a unidade da paixão e do senti-

mento, e as variações que os modificam segundo as crenças, os caracteres, e as épocas. O amor do « *Auto de Gil Vicente* » não se repete no *Alfageme*, nem em *Fr. Luiz de Sousa*, nem na *Sobrinha do Marquez*. Creações distinctas, bellissimas, cada uma dellas está no seu tempo, vive no caracter que a representa, e apropria-se á idade e aos costumes. Differentes todas, nenhuma dellas é falsa; sel-o-hião, se o affecto de Alda fosse o de Magdalena de Vilhena; se o amor do *Alfageme* fosse o fogo, que abraza Bernardim Ribeiro. Qual delles amou tanto, mais?

Amaram ambos do mesmo modo: — um com a sensibilidade exquisita, e o delirio do poeta; o outro com a paixão concentrada e profunda das indoles robustas, que dizem pouco do que sentem, e sentem sempre mais do que exprimem. Em Bernardim o amor canta com os rouxinoes, sisma na solidão, descreve e chora. E' mais palavra do que obra; é mais espirital que positivo. Tem o delirar da loucura, e o arder do facho, que o vento agita; ha-de gastar-se mais cedo; ha nelle como no do Petrarcha muito ideal. O do *Alfageme* é todo acção. Quando elle deixar de amar, quando aquella luz acabar de luzir estará frio o coração. As raizes estão cravadas no fundo d'alma; — não o matou o ciúme; não o crestou o fogo; não o enfraqueceu o ruido do mundo, e a agonia da ausencia. Um é o amor unico e ideal do poeta; o outro é o amor serio e grave do homem feito, que confia a uma mulher todo o futuro, toda a felicidade que espera, e que sabe o que confia, porque está na idade dos desenganos e das realidades.

Tinha ao pé de si a dama nobre, despreza-a, e vai buscar para companhia da vida a donzella orphã e desamparada. Nelle o ciúme é silencioso e observador. Quando Alda e Nun'Alvres se abraçam n'um extasi d'amor; o *Alfageme* diz só uma frase — e diz tudo. « Meu Deus, meu Deus! — Mais uma que me enganava! » Se depois não ouvir a conversação dos dois; se não descobrir por ella toda a pureza do coração de Alda — sem queixumes, sem um suspiro perderá tudo; e é a felicidade que sacrifica, não o ignora.

Quem o concebese d'outra maneira errava a individualidade deste caracter; e não conhecia os homens. Para Fernando esposar Alda, nada importa que ella ame Nun'Alvres; — o que importa é que o *Alfageme* creia que o dever e a virtude hão-de chamar um dia ao seu leito as castas graças do amor. Por isso a donzella, que regeita a mão de um fidalgo; que não o quer nem para marido nem para amante adorando-o; e que tem poder no coração para consummar tamanho sacrificio, é a mulher que buscava, a esposa, que deseja. Embora tenha n'alma outra paixão nunca profanará com ella a religião da familia, e o berço de seus filhos. O tempo lhe servirá de remedio, apagando a antiga imagem, e avivando em amor o que no principio só era, só devia ser pura amizade e de-

ver. E' com estes traços magistraes e com esta interpretação larga e analitica do mundo que as paixões se explicam e os caracteres se desenham. Aqui tudo está no seu logar — tudo é natureza e verdade.

E todas as creações do Sr. Garrett vivem; todas ellas reproduzem o homem fielmente. A individualidade de cada um dos seus personagens separa-o no meio de todos os outros, como na vida commum qualquer de nós se differença pelas feições e pelo caracter. Saber dar o toque do sublime e da poesia á verdade; possuir a arte de elevar o natural sem violencia até ao ideal; e ahí descobrir a Lei de harmonia, que faz um ente imaginario possivel e real, sem o fazer vulgar, é o segredo de poucos escriptores, e a gloria dos grandes talentos. É nisto principalmente que consiste a belleza e a excellencia da poesia moderna. Goethe muitas vezes o conseguiu; Shakspeare sempre; Calderon algumas. A verdade poetica é difficil de observar, e ainda mais de expôr; ha tantas illusões moraes a attender; tantas apparencias a desprezar, que raro é aquelle que triumphava, vencendo a difficuldade.

Quem viu ou leu as peças do Sr. Garrett e viveu no mundo, de certo, alguma vez havia d'encontrar um padre, cuja virtude risonha, cuja moral severa e não-sombria, lhe recordasse o bello caracter de Froy-lão Dias. Quem lidou com a parte do povo, que não está corrompida ainda, e conserva os costumes e as qualidades de nossos maiores — conheceu tambem por força mais de um *Alfageme*. O que lhes falta a esses, que vemos todos os dias é a poesia, que dá a arte, — (ou para ser mais exacto) — raras são as occasiões, em que nos é dado observar o homem na lucta sublime do coração com o mundo, das paixões com o dever. O poeta não faz senão dar luz á phisionomia, e relevo ás feições moraes. Prepara a scena e gradua as côres. O effeito resabre da acção dupla dos caracteres e da situação, em que se acham. Senão residir nelles — nunca será verdadeiro e profundo.

D. Beatriz em *Gil Vicente*, Alda no *Alfageme*, e D. Magdalena de Vilhena em *Fr. Luiz de Sousa* são tres mulheres, amantes todas, sensiveis, eguaes na virtude, e na belleza. Experimentem; ponham Beatriz no logar de Alda; substituam Alda por D. Magdalena ou por Beatriz; deixem o resto das peças intacto, enredem e desatem a fabula como d'antes, e vejam. Tudo se desmembra; tudo fica falso, pueril, ou ridiculo. E' um cáhos, onde nem luz, nem harmonia, nem verdade se achará. O caracter de Beatriz e o de Fernando repellem-se. O de Magdalena, no logar de Beatriz, tornava-se impossivel e absurdo. E' a prova da superioridade do Mestre. Quando, mesmo na expressão do amor, um typo se não pôde alterar sem destruir a peça, está demonstrado, que os caracteres teem vida propria, teem feições pessoaes, que dominam a acção, e interessam toda a logica e verdade della.

Nas obras dramaticas do Sr. Garrett acontece isto

sempre. Ninguém entra por demais; nem ha caracter inutil ou situação superflua. Tudo se liga; tudo se trava. Uma scena, que se corte, uma figura mesmo secundaria, que se tire, escurece a acção, interrompe a pintura, ou mutila a idéa. Os accessorios não são meros ornatos; são meias tintas, sem as quaes não ha colorido possível. No *Alfageme*, por exemplo, o drama, o amor, finda no 3.º acto. Alli parece acabar todo o interesse da paixão e desenvolver-se apenas a acção politica. Examine-se, porém, melhor; e vê-se-ha, que sem os dois ultimos actos a acção moral ficava incompleta; os caracteres suspensos, e em meio esboço alguns; e o quadro da vida confuso e mal delineado. A individualidade dos principaes personagens Fernando, Alda, Nun'Alvres, e Froylão não podia passar sem as situações subsequentes, que só os tornam perfectos e acabados.

O *Auto de Gil Vicente* é um drama de paixão; o «*Alfageme*» uma peça historica de costumes; «*Fr. Luiz de Sousa*» um drama de sentimento. O estilo do primeiro tem mais côr e mais vida; o do segundo substitue o natural aos ornatos; sabe dizer as cousas no seu lugar, e com a phrase propria. Conchega-se, é mais popular. O terceiro tira o sublime da maior naturalidade; n'uma palavra resume a paixão; n'um dito retrata a alma. Em *Gil Vicente* ha mais viveza de imaginação; maior calor de affectos. Pedia-o assim o genero. No *Alfageme* apparece menos a paixão, mas sente-se mais. Em *Fr. Luiz de Sousa* o affecto e o sentimento transpirão por todas as phrases; dão uma côr de melancolia admiravel a toda a peça; e formam d'ella o modello da tragedia moderna, cujo interesse deve ser a piedade e o terror. Terror moral, e piedade nascida do espectáculo de infortunios grandes, supportados com virtude e resignação por almas feitas para cançar a desgraça, e envergonhar o martyrio.

Nos dramas do Sr. Garrett os caracteres são typos como nas peças de Shakspeare, e nos romances de Walter Scott. Escolham no seu theatro qual obra quizerem, e acharão em todas a vida das classes desenhada, o coração humano explicado, e as paixões desenvolvidas segundo a indole, a idade, e a epoca, em que se desata a acção de cada personagem. Calderon não é tão feliz como o inglez nesta parte. Mais imaginoso no estilo, ardente nas crenças, e apaixonado nos affectos, a opulencia da poesia lyrica encobre muitas vezes o incorrecto da observação e a infidelidade da pintura. Entre tanto o *Alcaide de Zalamea* e o *Medico de sua Honra*, entre outras, são modellos de estudo dramatico.

Ha no drama moderno duas verosimilhanças a attender: a humana e a historica. E' preciso que os caracteres sejam possíveis e verdadeiros; que se não contradigam na essencia; e concordem sempre com a paixão, que os domina. Além disto é essencial que sejam moldados pela epoca, que representam. A maneira de pintar as eras passadas no theatro consiste

em as fazer resahir da lucta dos affectos, córadas com a vida que então vivia a sociedade, exprimindo os costumes e as idéas do seu tempo. Toda a dificuldade está em não converter o personagem em mumia, e o drama em glossario obsoleto. Pintar o antigo com o pincel moderno; restituir Apelles pela mão de Raphael. Uma sombra de mais; o excessivo escrupulo d'antiquario; e o molde em vez da feição retiram a peça da convivencia popular desterrando-a para os limbos da erudição. O talento engana-se muitas vezes por demasia de consciencia; o genio nunca. Mesmo ignorando adivinha; mesmo errando, acerta.

No *Alfageme* o caracter do Condestavel está sacrificado ao effeito geral do painel. Aquelle Nun'Alvres amoroso e quasi languido não é de certo o grande vulto historico, que só contava os inimigos pelo numero dos golpes. E' heroico sim nos sentimentos; expressa bem o ideal da nobreza cavalleira; porém está longe de ser o lidador — o *Mão de Ferro* que assentou em Aljubarrota a corôa na fronte do Mestre d'Aviz. O ty-po da nossa tradição é muito menos poetico quanto ao sentimento, e muito mais grandioso quanto á acção. E apesar disso o drama esboça a epoca; retrata os costumes; e desenha a face tão movel do povo com uma verdade admiravel. Porque? E' que o caracter se está fóra da tradição e da historia, está no seu lugar no drama. A idéa do poeta pedia-o assim; e uma vez transformado, nunca mais se desmente. Desde que o auctor pôde obrigar-nos a acceital-o, e não como era e o queria o publico, mas como lhe conyinha a elle que fosse — usou de um direito (do que se não deve nunca abusar), e sancionou pelo successo a sua audacia.

Froylão Dias; Telmo Paes; Pero Safo; Manuel Simões e a tia Veronica são retratos de uma galleria. E' toda a classe popular media estudada em diferentes estados e fórmãs d'existir á luz da experiencia, e ao espelho da natureza. Que observação tão fina, que malicia tão mimosa, que profunda analyse não revelam a cada passo os difficeis paincis, onde vivem e nos olham, e nos fallam todos esses filhos do mundo ideal, tão possíveis, tão humanos, que parecem nossos conhecidos de hontem; que se nos figura tel-os ouvido inda agora conversar; que nos fazem sorrir e recordar pela sua mania dominante, pelo anexim valido, pelo *tic* particular de cada um! E são nossos conhecidos; de certo viveram e vivem ainda talvez. Estão no vulto indelincavel e immenso chamado povo; nos seus costumes; nas suas idéas. De lá os soube tirar da realidade para os elevar á poesia o lapis de um grande mestre.

No *Auto de Gil Vicente* todo o seculo de D. Manuel sahe em relevo. A paixão, a cavallaria, a politica e a corte, enredam-se e encontram-se sem se offuscarem, sem nunca as côres e as feições se apastellarem. Tudo alli é bello e verdadeiro — porém a suave criação de Paula Vicente é tão original, tão divina nas

proporções, na grandeza, e na sublime tristeza, que ella só faria a gloria de um poeta. Está alli a historia — mas na sua essencia philosophica; sem pezar de erudita, sem carregar nem de leve nenhum retrato. E' um todo harmonioso que se completa e explica por si mesmo.

O caracter do Theatro do Sr. Garrett é o mesmo que o dos seus poemas; geral pela liberdade da escolha e da fórma; nacionalissimo, especial, pela unidade de crenças e costumes peninsulares e portuguezes que traduz. Nenhum dos seus personagens era verdadeiro tirado daquella scena, deste paiz, e da sua epoca. Se o trasladassem para o norte, e o naturalizassem saxonio ou germano morria de saudade patria — e ficava absurdo, incomprehensivel, inclassificavel. A phisionomia de todos elles na acção e na palavra funde-se no genio e na bella natureza deste clima e desta terra. Quem lhós roubar adulterou a eschola, e calumniou o poeta.

E' assim, e só assim, que se póde crear a scena de um paiz. Os copistas erram sempre, porque pecam contra o coração e contra a natureza. Põe a Venus Idalia, a Venus Grega ao pé da Madona; e o Moyses de Miguel Angelo junto de Jupiter de Phidias. Nunca hesitam. Suprem a observação e o estudo pela exactidão graphica, moldam mas não compõe. Succede-lhes, pois, que os seus personagens ninguem os conhece e ninguem os ama. Passam como estrangeiros, recebem-nos bem ou mal: e depois vão-se embora outra vez sem se sentir a sua falta. Não sendo desta patria que mais podem ter senão o agasalho dos hospedes e as boas despedidas do viajante?

L. A. Rebello da Silva.

---

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

---

CAPITULO XIV.

O Oratorio.

(Continuado do n.º 15.)

Mas para o que em breve sabirá da terra, o tempo é o momento que vê partir a sétta. O silencio do mundo em volta de nós, a pausa instantanea, em que o espirito antevê o infinito. E a memoria, ao limiar da eternidade, que mais faz do que revoar por entre saudades e pezares, antes de ir queimar-se na luz do facho funebre?

As masmorras, cavadas nas raizes dos castellos, encerravam o veneno que dá a ancia da liberdade. A

idéa do captiveiro apalpava-se nos éellos de ferro, carcomidos em volta dos ossos; estava escripta nas letras, que as unhas do captivo riscavam na abobada esverdeada.

As trevas densas que pezavam sobre o peito; a eterna mudez do jazigo, em que sentia o ranger dos pulmões ralados; a queda monotona da agoa no chão limoso e o arrastar dos reptis immundos azedavam-se com a lembrança de que lá fóra — no céu esplendido da patria, as vagas arqueando-se livres; as aves fugindo soltas; e os bosques ramalhando com a briza, saudavam em gorjeios mututinos o sol que alegre as veigas, o dia que esmalta as flôres e o resplendor que innunda os mares.

Aquelle, que dentro do carcere, sonha com a luz, com o céu, com os rios e montes, que nunca mais verá, só esse sabe o preço do luar, que adormece na balouçada copa do ulmeiro, da fogueira que estalla aos pés do pastor nas malhadas; e da aragem que se bebe pura, passando livre como ella, ainda que seja pela areia de um deserto.

Quando a vida, pende de um fio, o colar de trevas, que nos estreita; a neve que nos regela; e a solidão que repercute os gemidos — o que significam diante da eternidade em que a alma já quasi se abismou? Mais obscura e gélida que elles todos é a morte!

À noite, relampejando a tempestade, e povoando-a o vento de murmurios soturnos, a capella aonde o mancebo ia agonizar era uma ponte lugubre, lançada do mundo para o sepulchro. O oratorio era o terror, a agonia, e a desesperação.

Descendo em pregas pelas paredes as tapessarias atufavam-se e rangiam ao engolpar do furacão pelas fendas, que as desconjuntavam. No meio de tres campas estava armado um estrado, com o cepo erguido. O cutello posto no alto delle, e a mortalha por cima, escondendo metade da folha reluzente. Vinte passos adiante a tumba ao pé da cóva aberta de fresco esperava pelo cadaver.

O cavalleiro de Salzedas estremeceu. De todos os lados via diante de si a imagem da morte; nas figuras de pedra das campas, nos aprestos do supplicio, e nas disposições do enterro. Os bramidos do temporal entrando ás lufadas pelas frestas; o motim das agoas no esteiro do Mondego; e o rebombo dos trovões casavam-se accordes em harmonias tremendas. Era o instrumental de que a procella acompanhava os exequios do justicado.

O lampadario deitava aqui e além uma claridade baça; que não podendo desfazer as trevas da vasta quadra, allumiava frouxamente um pequeno espaço recortado em orlas deseguaes na escuridão circumstante. — Bruxuleando ao vento a luz, ora palpitava mortal, ora despertando estremecia em vascas. As sombras do cepo e do ataude, e as das estatuas e corpos d'armas, com o vacillar do clarão dançavam no payi-

mento corpulentas e fantasticas umas, confuzas e indelíneaveis outras.

À força de gradualmente se embeber nas reflexões, que o sitio dispertava, o mancebo perdeu o sentimento da realidade. Os olhos convulsos dilatavam-se; os cabellos eriçavam-se na fronte banhada de suor; e pela vista deslumbrada remoinharam em vortice os objectos. O cerebro endoudecia das lugubres visões da morte.

Pareceu-lhe que as louzas abriam e que os finados de pé conchegavam o sudario. De cada vão e de cada pedra alçava-se um espectro. A tumba e as estatuas, as cruces e as campas, a principio movendo-se lentas, depois girando rapidas, dobavam no ar lucidas e transparentes como crystal, leves e subtis como vapores. Armaduras occas pareciam andar, não tocando no chão. Braços e mãos, despegadas; caveiras com luzeiros nas orbitas, surdiam e sumiam-se aqui e acolá. Cuidava sentir craneos rolando nas lageas, esqueletos rangendo a erguer-se, e o estertor de moribundos, arquejando perto. Tudo isto apparecia, e apagava-se, n'um raio só da vista, vibrando um som unico ao ouvido. O demonio do delirio — na sua carreira fantastica, passou por elle um instante, e fugiu. Mas esse instante foi azor.

Por fim os nervos distenderam-se; as arterias frontaes bateram menos vivas, e as larvas — filhas do terror — desvaneceram-se, semelhantes ao pezadello, que o raio matutino affugenta do peito do enfermo. Um alento de melodia branda veiu asserenar as ancias do pensamento. Eram sons vagos de côros, e vozes d'harpas; — o ouvido não os percebia, e entre tanto no cerebro rompiam em simfonia meiga, como as doces palavras do amor primeiro. Gomes Lourenço, escutando com espanto em redor de si, ouvia apenas o soluçar alto da tormenta nas arvores. Pareceu-lhe que esta muzica estava dentro d'elle, e com tudo que a via e palpava. Foi um relampago de harmonias; depois a pouco e pouco, sentiu-as esmorecer, e fundiram-se em uma nota melancolica, n'uma palavra unica — « morte! » A razão, vacillando estava proxima da loucura. E' que as grandes dôres, quando se accumulam todas n'um momento só da vida, ou matam o espirito e a razão, ou fazem do corpo um cadaver.

Na esvaida mente combatiam as recordações que desperta a memoria, e os remorsos do silencioso scismar. Por entre elles, faiscavam idéas más, que perpassando, riam das suas lagrimas. Nas sombras que o sepulchro estendia em roda, nenhuma esperança consoladora cortava o horror da morte, que arrancava ao mancebo um grito mais dorido, mais funebre que a espantosa solidão, que o repercutia.

As grandes angustias não podem ser continuas sem quebrar o tenue fio da vida. Atraz dellas vem a morbida somnolencia, em que os sentidos dormitam, e o espirito sonha, e recorda. Os tempos que foram, as alegrias que os matizaram, e os pezares que os escu-

receram, vivos como na hora em que existiam, apparecem no espelho do meditar interno. E quantas vezes, como lente ustoria abraçam corações envelhecidos, e almas murchas do viço da esperanza!

Assentado na campa do conde Ordonho, com a cabeça entre os punhos, Gomes Lourenço parecia morto de sentimento e de sentidos — e entre tanto, em minutos, aos olhos do seu espirito, volvia a lembrança todo o quadro do passado.

A memoria levou-o de repente aos sitios da primeira mocidade. Por entre os ramos dos choupos e acima da cópa dos ulmeiros, amigos velhos do solar, avulta a torre antiga dos Viegas. Alli está a fonte que refresca o terreiro. Aquelle é o eirado em que brincou os jogos da infancia. Sente os relinchos dos ginetes, o vozear dos monteiros, e os latidos das matilhas. Depois, com o pé no estribo e o falcão em punho vê seu pai que o abraça como na ultima vez, em que partiu para não tornar.

Dahi, a scena muda; é um matto escuro. Sobre giestas calcadas está o cadaver do Senhor de Saizedas tendo ao seu lado o alão arquejando, e adiante quedo o bom corcel, aguardando immovel. Depois apercebe meio confuso o bello rosto de sua mãe. Nos olhos serenos da côr do céu gelaram as ultimas lagrimas, que lhe deixou cahir no coração, quando em um osculo doce de inefavel ternura, lhe imprimiu com os labios o extremo adeus.

Atraz desta visão tudo variava. Era o campo da pelleja desenrolando-se como a tela do pintor. Era a corrida férvida dos cavallos; as armaduras a topar em cheio, séttas em cardumes, enegrecendo os arcs; e as trompas rasoando brava alegria, acima do fragor das armas, e dos ais dos muribundos. O mancebo assistia em espirito a esta festa de sangue; sentia-se voar no seio da tempestade; respirar entre os rolos de pó, ennovellados adiante do gallope dos esquadrões; e, ondear nos éstos scintilantes das fileiras, embatendo-se; e das lanças lascando no rijo encontro!... E corria e bradava, e erguia-se nos estribos!...

No meio desta serie de visões fantasticas uma só imagem se não desvanecia nunca: — era a de Maria Paes. Às vezes contemplava-a accessa no rubor da fadiga, á redea solta, pela coutada de Lorrvão. Depois, inclinada para elle, com o riso a abrir na bocca, e os olhos languidos de paixão, como, quando rompendo o silencio lhe bradára: « oh tambem eu te amo Gomes Lourenço! » Finalmente com a ira a fuzilar na vista e o desdem nos labios do mesmo modo, que a tinha ouvido pedir vingança á espada de seu irmão. E esta imagem offuscava todas. Contradição incrível, mas verdadeira! Depois de enganado adorava ainda aquella mulher com mais ardor do que nunca.

O jubilo ou as grandes magoas, quando não cabem na alma espiram para o céu esses canticos, que a bocca não entôa, que a mão não escreve, e o mundo ignora, porque não incarnam na fórma que revela o

pensamento do homem; mas, como luz dourada, fluctuam, resplandecendo sobre as vagas tempestuosas, em que a razão se abysma. — A poesia é a lingua harmoniosa do espirito, quando a dôr, o enthusiasmo, ou a esperança o elevam acima da prizão de limos do nosso desterro. Por ella se adivinha o céu no meio das ancias da terra — por ella se alevanta o pezado véu, que nos esconde o futuro, escripto por Deus na face dos astros, que giram, no dorso mudavel das agoas que bramem, e no manto semeado de estrellas da noite! A poesia é uma revelação sublime que desce sobre o homem. Foi ella, que levantou um cantico na alma do mancebo; e entre tanto nenhuma das reflexões, que seguem, se ergueu de cima do seu coração. Os labios ficaram mudos; o espirito é que fallou.

«Porque estou inconsolavel? A vida é um desterro. Feliz o que antes de encostar o bordão de peregrino, não perdeu a fé com que principiou a jornada.»

«No fim della a morte consola.»

«Se depois de nascer o homem soubesse o que é a vida, tinha menos horror ao tumulto. Delle, ao menos não se volta para o captiveiro.»

«A' hora em que a lua adormece no topo das cruces, e a aragem estremece os ciprestes dos jazigos, é bello vêr quebrar as ondas espumantes em ribas fragosas. Porque a noite, o silencio, e a lua só os entende o que seisma junto do vulto indelneavel das agoas.»

«Lua, tu és triste como a alma do que morre; muda como dôr de mãe inconsolavel; — suave como sorriso de amor virgem... Por isso eu te amo!»

«Mas é mais bella do que tu ainda a noute, que passa, coroada de chammas, nas azas da tormenta. Mansa, dormitava como o coração do homem; chamou-a o temporal; e ergueu-se irada, terrivel, como a cholera do que opprimem!»

«O coração do homem!?... Elle, e o amor são infinitos. — Um na esperança, o outro na amargura.»

«O amor e o mar são immensos e profundos. Serenos espelham o céu na face; e volvem flores nas vagas; — mas no seio está o abysmo; ruge o inferno. O mar e o amor enchem quasi o mundo!».....

O sepulchro, que aterra os venturosos, consola os que padecem. O que importão a quem cerrou os olhos as momices desta farça, chamada vida?!

«Curta e tempestuosa a minha existencia foi um dia de inverno. Sinto, depois de a ter vivido, que melhor era morrer quando nasci. O que levo eu della?»

«A guerra é uma embriaguez; a ambição, um jogo — a sciencia, mentira; e a virtude, senho!... Aonde está, pois, a verdade senão no amor?»

«Para o que nunca amou a vida foi uma noite sem dia. Veiu ao mundo só para gemer.»

«Abençoada seja a hora em que eu amei!»

«Se o amor nunca purchasse!... Não tinha Deus creado o céu...»

«Nem o inferno!... Porque será a mulher espe-

rança e dôr; prazer e morte; luz e escuridão?....»

«O meu coração mirrou-se nas amarguras do desterro. Os meus dias fôram rapidos e turvos como o pó levantado no deserto. O Senhor entornou sobre mim a taça raza das suas iras, e o meu amigo, passando, não me conheceu.»

«Este mundo não val as lagrimas que se choram ao nascer!»

«Chamei por Deus e não me ouviu. Porque será elle surdo aos clamores dos que soffrem, e cego para os crimes dos que opprimem?»

«O sangue corre mais largo, que os rios; as lagrimas molham o chão, como orvalho; os gemidos dos que choram e morrem enchem os ares — todos chamam por Deus! — e os máus triumphantes, calcam a sua imagem aos pés; e por escarne invocam o seu nome, e acabam no leito rindo da justiça e do remorso!»

«Aonde está, pois, Deus?».....

Aqui, uma pancada leve no hombro accordou o cavalleiro das tristezas que sonhava.

Aproximando-se da capella, Fr. Munio espantou-se do silencio em que tudo estava. Empurrando a porta deu com os olhos nos aprestos do supplicio, sobre os quaes tremia em vascas o clarão do lampadario, e arredou-os á pressa. No primeiro momento não viu o mancebo, porque um pouco retirado no escuro conservava ainda a postura, em que a meditação o eollhera. Desde que a sua vista se affez mais á escuridade, descobrindo-o foi direito a elle; e alguns instantes sem ser sentido o esteve contemplando com a melancolia do sacerdote, que á cabeceira da donzella vê a vida sem ancia apagar-se n'um suspiro, e chora a belleza, que tão cedo como a terra; lastima os viçosos annos, que a morte veiu segar tanto em flor.

— «Senhor — pensava elle — porque deixaes penando o velho, que já para nada presta, tão cansado do seu desterro, e chamaes o mancebo, que lhe devia cubrir de terra a sepultura?....»

E duas lagrimas, ao mesmo tempo, se lhe penduravam nas pestanas — lagrimas amargosas como o pensamento, que as espremera. A vida para o monge era castigo e não prazer.

Gomes Lourenço, apenas lhe tocou a mão do frade, estremecendo, levantou-se com sobresalto.

— «Já!?» exclamou elle. Depois, correndo a mão pela frente, conheceu-o, e disse com tristeza:

— «Perdoae-me, não vos conhecia. Que hora será?»

— «Hora de vespora, passada.»

— «A noite!?»

— «Medonha.»

— «Viste-os, vem?»

— «Ainda tenho esperança....»

— «Em Deus, padre, que nos homens....»

— «Tambem nesses....»

O cavalleiro, sorrindo, apontou para o estrado e para o cepo.

— « Não se volta dalli, padre. »  
 — « De toda a parte se volta, menos do inferno. »  
 — « Ou da cova. »

Ambos se callaram um pouco. O vento assobiava, e a saraiva, cada vez mais densa açoitava as paredes. Um trovão estoirou quasi sobre a hermidia, e encheu-a de claridade livida. Os eccos rolaram o rebombo de longe em longe. Depois fez-se um silencio profundo.

— « Deus é grande — acudiu o mancebo com ironia — não quiz deixar ás escuras o meu enterro. »

Tornaram a emmudecer. Por cima, na sala, escutando, sentia-se ruido de passos umas vezes lentos, outras precipitados.

— « O meu carcereiro! — exclamou o cavalleiro. — Ouvis?.. Martim Paes não dorme. »

— « Deus o illumine. De todos é o mais infeliz. »

— « E eu o mais venturoso? — atalhou o mancebo com uma risada. — Se te obrigassem a escolher, padre, não querias a mortalha e o cepo, que me aguardam. »

— « Quem te disse, mancebo, que é pequena a minha cruz; que a desejo levar um dia, uma hora além do que Deus marcar?... Sabes, se eu consolando-te, careço de que me consolem tambem a mim?... Quem adivinha, se debaixo da estamenha está o coração morto do monge, ou o coração vivo do que padecer?... »

— « Tu, padeceres!... E dahi?!... Se alguma vez, por desgraça, sorriram para ti olhos de mulher, pobre monge! bebestes o veneno de toda a vida. »

— « Silencio mancebo!.. Não vês por esta mortalha que já não sou do mundo? O que importa o passado?... Devo esquecer, até, o nome a essas... loucuras; deixei-as á porta do claustro. »

— « Oh, padre, quem nas esqueceu nunca?! »

O monge, com os olhos humidos, ouvindo estas palavras, abaixou a cabeça, mormurando:

— « Nunca, é verdade! Prouvéra a Deus. »

— « Esquecer!... — proseguiu o mancebo — » Só alli se esquece isto, dormindo daquelle somno. »

E com o dedo mostrava as sepulturas.

L. A. Rebello da Silva.

(Continua).

## NOTICIAS.

Em 11 de Outubro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 7 de Outubro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa	1,3900	1,3880
Tres operações	16	22
Inscrições de 5 por cento	47	48
Ditas de 4 por cento	39	41
Papel-moeda	10	13 m. forte

Titulos antigos (azues)	6	7
Escriptos para as alfandegas	88	90
Na 6.ª parte	84	85
Acções do Banco de Portugal	436,000	440,000
Ditas post dividendum	437,000	442,000
Ditas das Lezirias	360,000	370,000
Ditas — Seguro Firmeza	380,000	370,000
Ditas — Fidelidade	20 a 22 por cento pr.	
Ditas — Omnibus	70,000	75,000
Ditas — Pescarias	27,000	28,000
Ditas — Vapores do Têjo	19,200	21,000
Ditas — União Commercial	56,000	58,000
Ditas — Fiação e Tecidos	70,000	72,000
Ditas — Valla d'Azambuja	100 por acção.	
Obras Publicas	2 1/2	3 por cento
Confiança Nacional	385,000	389,000

### ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 29 Setembro a 5 de Outubro de 1848.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª
Entrada	1037	29	384	—	66	39	20	18
Despacho	812	35	185	7	10	39	20	30
Existencia	7547	40	2561	41	651	53	161	6
Preços	380 a 560		220 a 250		300 a 360		260 a 280	

### CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de	340 a 440
Despachado no mercado	400 a 520
Molle, a bordo	380 a 480
Despachado no mercado	440 a 510
Das Ilhas, a bordo	330 a 340
Despachado no mercado	390 a 420
Cevada do reino, a bordo	180 a 200
Despachada	220 a 260
Das Ilhas, a bordo	180 —
Despachada	— —
Milho do reino, a bordo	280 a 300
Despachado a bordo	— —
No mercado	350 a 380
Das Ilhas, a bordo	— —
Das Ilhas, despachado a bordo	— —
No mercado	— —
Centeio, a bordo	180 a 200
Despachado a bordo	— —
No mercado	240 a 260

### FUNDOS EM LONDRES.

Em 25 de Setembro

#### INGLEZES.

Consolidados	86 1 oit. 1/4
--------------	---------------

#### PORTUGUEZES.

De 4 por cento B.	21 1/2
-------------------	--------